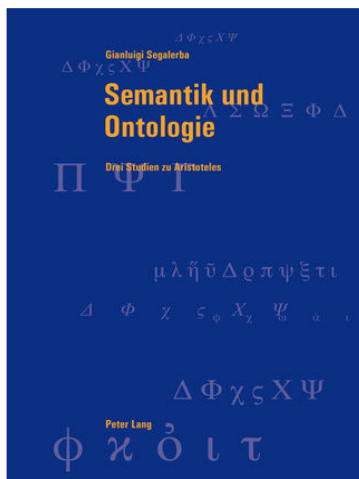


SEGALERBA, G. *Semantik und Ontologie: Drei Studien zu Aristoteles*. Berner Reihe Philosophischer Studien. Bd. 38. Herausgegeben von Andreas Graeser und Martin Bondeli. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2013. 560 páginas. ISBN: 978-3-03911-277-7.

Por Paulo Faitanin – Departamento de Filosofia da UFF



Proponho apresentar mais uma sinopse deste livro do que propriamente uma resenha. Justifico este ato pela simples razão de que se fosse fazer uma resenha, esta certamente fugiria aos padrões exigentes em razão da rica análise proposta pelo autor. Por isso, proporei uma descrição do livro e das suas três partes, na medida em que destaco o que de fundamental cada uma propõe. Pois bem, como aludido, este livro está composto por três estudos.

No primeiro estudo, o autor tenta propor uma interpretação hipotética de como Aristóteles poderia ter interpretado as duas substâncias (primeira e segunda) e os universais. A intenção é a de saber se Aristóteles poderia ser considerado como o descobridor dos universais e o lugar que os universais ocuparia no seu sistema de categorias.

No segundo estudo, mais profundo e inovador, em minha opinião, Segalerba analisa a teoria aristotélica da substância e tenta estabelecer novas e interessantes proposições sobre esta referida teoria. Aqui o autor propõe uma ontologia da substância e uma ontologia do universal. É trazida para a discussão a *polivocidade* do conceito de ‘substância’ e a questão de se houve ou não uma continuidade da proposição platônica.

Para o autor houve influência da doutrina platônica, mas Aristóteles propõe uma nova análise e considera a substância de um modo distinto daquele modo que proporia Platão. Encalhado nisso, o autor propôs haver

certa continuidade na interpretação do conceito de ‘substância’ dentro do contexto da obra de Aristóteles. A questão subjacente então seria: haveria de fato uma total polivocidade deste conceito?

Creio que esta é a chave-mestra desta investigação. Por este motivo, um dos temas fundamentais trazidos à tona, e que aqui é usado como argumento a favor da sua proposição, é o capítulo que trata da ‘instanciação’ da substância, termo que pode ser entendido, guardadas as proporções da sua aplicação, como ‘individuação’ da substância e o modo como se relaciona com os ‘universais’, na medida em que estes últimos resultam justamente da abstração da ‘instanciação’, ou seja, daquilo que instancia, individua a substância. Mas isto posto, não se resolve a questão da polivocidade, pois, por outro lado, o autor não admite a univocidade do termo ‘substância’. E é disso que trata o terceiro estudo.

No terceiro estudo, o foco principal do autor é então a análise semântica dos conceitos de ‘substância’ e ‘universal’. Para tanto, ele analisa e interpreta como Aristóteles ‘propôs’ as condições ontológicas para a sinonímia e para a não-homonímia, distanciando-se das concepções platônicas, com bases a propor uma ontologia tipológica, em que há tipos de substâncias que se relacionam entre si por continuidade de sentido e significado (contra a univocidade do conceito de substância), contra uma ontologia que separa essencialmente os tipos de substância, anulando uma possível relação semântica entre seus respectivos conceitos (contra a polivocidade do conceito de substância). Resume-se, pois, haver uma relação própria entre semântica e ontologia pela própria análise do conceito de substância e de universal, este último considerado como exemplo neste estudo para a proposição da interpretação do autor.